

História e Memória da Colonização de Guairaçá

Wesley Silva Bandeira¹

Resumo: A região de Guairaçá encontra-se localizado no noroeste do Paraná, se desdobra da linha traçada entre as cidades de Terra Rica e Terra Boa, até o curso do Rio Paraná, ultrapassando o Rio Ivaí e abarcando toda a margem direita do Rio Piquiri. Sua história está ligada a de Paranavaí, pertencendo aos mesmos grupos colonizadores.

Com o desejo de resgatarmos a história da região é que elaboramos esse estudo, sob orientação do Prof. Dr. Maurilio Rompatto. Para isso nos basearemos em obras bibliográficas já existentes a respeito da colonização do Noroeste do Paraná, além de fazermos pesquisa de campo entrevistando pioneiros da (re) ocupação de Guairaçá, as fontes orais tiveram papel importante nesse trabalho acadêmico, haja vista, que a colonização da região noroeste é recente e trás no discurso popular fragmentos importantes da história regional. No discurso, moradores da cidade, chamados de “pioneiros” tendem a não falar dos conflitos e disputas por terras que existiram na região no início do processo formativo da cidade, passando a idéia de uma vida ordeira e sem conflitos.

O discurso de “Pioneirismo” é uma contrução que se formou ao longo do tempo, discurso esse criado pelas companhias colonizadoras, e legitimado pela população local, mas, não condiz com a verdade histórica, isso porque antes da formação das cidades no noroeste do Paraná promovido pelas Companhias colonizadoras, haviam grupos humanos ocupando essas regiões, e para que as cidades fossem formadas foi necessário a limpeza da área, expulsando, destruindo e confinando as populações indígenas e caboclas que estavam aqui antes da chegada do “herói-pioneiro”, logo a concepção de “pioneiro” é um discurso que legitima interesses, e elimina totalmente a habitação de caboclos e indígenas na memória do povo local. O discurso do Pioneiro está ligada a do “vazio demográfico”.

Nossa pretensão não é fazer uma análise detalhada de toda história do Noroeste do Paraná, mas, nos preocupamos em fazer um recorte dentro do século XX, e mais necessariamente em Guairaçá, mostrando a construção do discurso e a tentativa de silenciar os chamados, “grupos minoritários”.

Nosso estudo passa então pela concessão de terras dadas a empresa Braviaco, consequencias locais da “Revolução de 30” e a limpeza da terra para loteamento e comercialização da mesma. Nessa análise passaremos por vários autores importantes da área, tais como Lucio Tadeu Mota (2005), Maurilio Rompatto, além de um estudo bibliográfica de Paulo Marcelo (1988), que escreve uma história oficial de Paranavaí e região não escondendo a existência de grilagens e conflitos nas terras da Gleba Pirapó (englobando também a cidade de Guairaçá).

Palavras-Chave: Colonização, Memória, Microrregião.

Introdução

Com a pretensão de compreender nossa existência é que nos empenhamos em um grande projeto, o projeto de analisarmos nossa própria história, no intuito de descobrir parte daquilo que nos é muito caro, descobrir as razões de estarmos onde estamos.

Para isso analisamos sobre orientação do Professor Dr. Maurilio Rompatto a origem da nossa cidade, região onde habitamos, a saber, Guairaçá. Trata-se de um Projeto de pesquisa em história oral implantado no Departamento de História da Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Paranavaí em 1998 e desde então vem dando excelentes resultados.

Nossa pretensão não é fazer uma análise detalhada de toda história do Noroeste do Paraná, mas, nos preocupamos em fazer um recorte dentro do século XX, e mais necessariamente em Guairaçá, mostrando a construção do discurso e a tentativa de silenciar os chamados, “grupos minoritários”.

Nosso estudo passa então pela concessão de terras dadas a empresa Braviaco, consequências locais da “Revolução de 30” e a limpeza da terra para loteamento e comercialização da mesma. Nessa análise passaremos por vários autores importantes da área, tais como Lucio Tadeu Mota (2005), Maurilio Rompatto, além de um estudo bibliográfica de Paulo Marcelo (1988), que escreve uma história oficial de Paranavaí e região não escondendo a existência de grilagens e conflitos nas terras da Gleba Pirapó (englobando também a cidade de Guairaçá).

A Braviaco e a Revolução de 1930

Em 1920 a Braviaco herdou as terras da Gleba Pirapó da CEFSPRG (Companhia Estrada de Ferro São Paulo Rio Grande) – Subsidiária da Brazil Railway Company - em troca de contruir ramais ferroviários que ligariam o Noroeste a Guarapuava, trazendo o desenvolvimento e o progresso para o Noroeste do Paraná, nessa época as dívidas da União eram pagas com concessões de terras, nas intenções de todos o simples fato de ter estradas de ferro em determinada região representava “desenvolvimento” e “progresso”, a Braviaco sabia disso, por isso não cumpre de imediato seu papel de contruir a tão sonhada estrada ferroviária promovendo a colonização das terras adquiridas. Ao invés disso, espera que haja uma valorização da área para que no momento oportuno o mercado melhore podendo obter lucros muito altos com a venda de terras.

Como todo grupo capitalista que visa a maneira mais fácil de obter lucros a Braviaco encontra na especulação imobiliária a chance de obter melhores lucros com menos esforço possível, porém, não só o Brasil, mas também o mundo passavam por formentações em todos os seus setores, principalmente nos setores econômicos e políticos, isso aconteceu em outros países do mundo a Revolução através do Golpe aconteceu, e isso gerou problemas específicos para a Companhia.

Os planos da Braviaco foram interrompidos, quando a Revolução encabeçada por Getúlio Vargas em 1930 vê com maus olhos a presença de Companhias internacionais nas terras da União, isso resultou na caçassão das concessões de terras dadas a companhia, que não eram poucas, com a alegação que a mesma não cumpriu o acordo e a estrada de ferro não foi construída.

O autor Paulo Marcelo fala com clareza a respeito desse processo;

Nessa época, o governo brasileiro contratava obras, pagando as empreitadas com terra. Esse pagamento era antecipado. Com isso beneficiou companhias estrangeiras que tinham subsidiárias no Brasil. Foi o que aconteceu com a Brazil Railway Company. (...) Segundo conta a história, no sudoeste e Oeste a Railway obteve 800 mil hectares e no Noroeste obteve 317 mil, através de sua subsidiária Braviaco – Companhia Brasileira de Viação e Comércio S/A. Isto foi no início do Século. (...) Na região de Paranavaí, em 1930 a união retomou a extensão de terras, pelo não cumprimento de contrato por parte da Braviaco ou, talvez, por um ato revolucionário, desde que Getúlio Vargas havia assumido o poder. (MARCELO, 1988, p. 32)

Independente das intenções de Vargas, se foi um ato arbitrário ou se agiu por um ato de justiça, (não é essa a nossa discussão) o fato é que; a retirada das concessões trouxe algumas conseqüências para a região de Paranavaí e conseqüentemente para Guairaçá, tais como o desencadeamento das disputas sangüinárias por terras, onde literalmente cada palmo de terra foi disputado a bala.

No discurso oficial esses fatos tendem a não aparecer, e somente a história ordeira é contada, histórias de grandes homens e grandes feitos, mas o fato é que saindo a Braviaco das regiões da Gleba Pirapó, não houve ninguém para coordenar a ocupação, acabando então as plantações, ficando nas terras somente aqueles que não tinham para onde ir, e os posseiros obviamente.

É justamente na retomada da colonização em 1936 que Manoel Ribas (Conhecido também como “Mané Facão”) envia Aquiles Pimpão e o Tenente Telmo Ribeiro para “amansar” os sertanejos. A fama desses homens era de que não existia ninguém mais rápido que eles no gatilho, essa fama era tão grande que as pessoas tinham literalmente medo deles, a relatos que se um deles viesse passando por um lado da rua as pessoas mudavam de lado só para não terem que cruzar com os homens braço direito do interventor Manoel Ribas.

Mas somente em 1944 foi enviado para essa região o DGTC (Departamento de Geografia, Terras e Colonização) com a incumbência de fazer vistorias na área e programar o loteamento da Gleba Pirapó.

A Construção do Conceito “Vazio Demográfico”

Durante muitos anos historiadores e “pioneiros” ao falarem da História regional de Paranavaí e região usaram o termo “vazio demográfico” descrevendo o estado dessa área antes da chegada do “herói pioneiro” que veio desbravando matas, e contra os perigos iminentes foram construindo a civilização, plantando café e erguendo suas casas, por trás dessa concepção de “vazio demográfico” esconde todos os conflitos de sertanejos, caboclos e grileiros.

O Professor Lúcio Tadeu Mota “História do Paraná: Ocupação Humana e Relações Interculturais” (2005), mostra evidências históricas de habitações indígenas no noroeste do Paraná, além de abordar conflitos entre os indígenas e alguns colonizadores que passaram por essa região, tal como Alvar Nunez Cabeza de Vaca que em meados do século XVI desembarca no Paraná para reconhecimento da área e tem contato e conflito com os nativos:

O relato de Alvar Nunez Cabeza de Vaca é importante à medida que descreve, ao longo de sua expedição, o contato e a entrada em territórios pertencentes a diferentes grupos Guaraní, e narra que desvia, em seu trajeto, dos territórios Kaingang em Guarapuava e Palmas. Esse foi o primeiro documento a informar que quase todo o interior do Paraná estava habitado e ao mesmo tempo mostrar que havia divisão política entre os diversos grupos da mesma matriz cultural, organizados politicamente em cacicados. (MOTA, 2005, p.24)

Posteriormente foram muitos os outros contatos que o homem branco teve com os Índios, no período da (re) ocupação entre 1955 e 1956 ocorreu o último contato, com um

grupo Xetá, de 18 pessoas, em Serra dos Dourados, hoje município de Umuarama. A partir daí os últimos redutos indígenas foram sendo ocupados pelo homem branco. No início do século XX os grupos indígenas que estabeleciam residência nessas regiões eram os Kaingangs e os Xetás.

Somente por esse ângulo vemos que o discurso do “vazio demográfico” trás em si grandes problemáticas, nos fazendo repensar a idéia que temos de nossa própria história como um todo, e também em relação à resistência de um povo que com seu próprio modo de vida tendeu a defender aquilo que consideravam como necessárias a vida e sua reprodução.

O próprio Topônimo da cidade mostra a clareza da existência de índios na região e suas lutas para defesa da terra:

GUAIRAÇÁ – TOPÔNIMO: De origem Tupi, designado o nome de um cacique Guarani, que em 1726 se opôs a Portugueses e Espanhóis – Seria sua a célebre frase “...esta terra tem dono.” (VICENTE, 1996, p. 306)

No século XX com as novas possibilidades de comercialização das terras paranaenses é que esse discurso ganhou corpo, tanto pelo Estado como pelas Companhias colonizadoras. A melhor forma encontrada para legitimação desse discurso foram os panfletos propagandísticos distribuídos em todo o Brasil, pois no desejo de encontrar compradores para as mesmas, as Companhias de Colonização afirmava que a compra de um lote pela companhia era totalmente segura, não havendo nenhum tipo de risco, nem mesmo a presença de grileiros e posseiros habitando na terra, logo podiam ser chamadas de “vazias” ou “matas virgens”.

Os termos utilizados pelos geógrafos variavam: sertão, terras devolutas, boca de sertão; em outras passagens, mata virgem, porém o sentido geral era o de uma região desabitada. A produção desses geógrafos subsidiou trabalhos acadêmicos nas décadas seguintes, que repetiram a mesma idéia do vazio demográfico. (MOTA, 2005, p.77)

O excerto acima engloba justamente a função de geógrafos e especialistas ao analisarem as terras para comercialização, e mostra também que esse discurso se propagou até mesmo dentro da academia, pelos historiadores, geógrafos e outros que não fizeram uma crítica pormenorizada desse termo.

O Trabalho Continua pela CTNP (Companhia De Terras Norte Do Paraná) e pelo Estado

A CTNP que era uma Companhia Inglesa vê a possibilidade de lucrar grandemente no Brasil loteando áreas e vendendo a quem viesse interessar, ela adquiriu terras do Estado (350.000 alqueires do Estado a um custo de 8.712 contos de réis) sendo consideradas as mais férteis². A intenção do estado era fazer com que o desenvolvimento chegasse ao Norte do Paraná podendo lucrar futuramente com a arrecadação de impostos e taxas das atividades comerciais.

Não se pode dizer que a CTNP colonizou todo o Noroeste do Paraná, haja vista, que a região de Paranavaí, Umuarama e Campo Mourão foi colonizada por incentivo do próprio Estado, que de maneira indireta fazia concorrência a CTNP.

Widson Schwartz ao escrever na Folha de Londrina em 1982 cita as divergências existentes entre a Companhia e o Estado:

Entre os primeiros funcionários estaduais na Colônia Paranavaí, ele (Ulisses Bandeira) se limitou a trabalhar com afinco e nada requereu para si, não virou fazendeiro, nem amealhou riquezas, continua a fazer o que o levou à “boca do sertão” na década de 40: as demarcações e levantamentos topográficos. Violências, nos primórdios da Colônia, ele admite, mas não em proporções e levantamentos alarmantes, entendendo que houve exagero proposital na divulgação – “havia uma campanha, a Companhia de Terras vendia a dinheiro,

aqui podia ser requerido”. Segundo Ulisses, era notório o interesse da CTNP quanto a inviabilização da Companhia de Paranavaí... (MARCELO, 1988, p.63)

No excerto acima percebemos algumas coisas interessantes, além da afirmação de Ulisses Faria Bandeira como um grande pioneiro que desbravou a região sem interesse próprio, percebemos também os conflitos entre a CTNP e o Estado, e como as duas trabalhavam. Se por um lado tinha a Companhia que só vendia a dinheiro, do outro tinha o Estado que podia fazer “concessão” de terras por requerimento, haja vista que, se era do Estado eram “devolutas”.

Em 1944, o DGTC (Departamento de Geografia, Terras e Colonização) enviou, da Inspeção Regional de Terras de Mandaguari, Francisco de Almeida Faria, agrimensor encarregado pelo Estado, de lotear a Gleba Pirapó. Ocasão em que foi criada a Colônia Paranavaí para reiniciar, de forma oficial, a colonização de Paranavaí e região. Em 1951, foi criado o município de Paranavaí, desmembrando-se de Mandaguari e, em 1952 o município foi, oficialmente, instalado.

1946 foi um ano crucial para a colonização porque ficou constatado que as terras retomadas da Braviaco em 1930 não eram somente terras devolutas, pois ali era proprietário também Francisco Beltrão.

Naquele ano, Beltrão obtinha autorização para colonizar 17 mil hectares compreendendo as seções Tamboara, Seara Suruguá e Anhumá; e na década de 50, foi seguido por Carlos Antônio Franchello, fundador de Querência do Norte (Gleba 27-A); e Ênio Pipino, que abriu Terra Rica. (MARCELO, 1988, p. 66)

A região de Guairaçá não ficou fora desse processo, encontrando no desenvolvimento privado a maior força impulsionadora do desenvolvimento, sendo a Companhia Colonizadora Guairaçá LTDA, a responsável por essa atividade. Como em toda a região a plantação de café era a maior atividade econômica desenvolvida na região, e o maior chamariz para aqueles que tinham o sonho de adquirir sua pequena propriedade e com seu trabalho conseguir dar um modo de vida mais confortável para sua família.

São muitos os pioneiros da (re) ocupação que falam de suas tristezas em vir para essas terras com sonhos de adquirir a tão sonhada pequena propriedade, ou até mesmo “puxar dinheiro a rodo”, mas viram seus sonhos se perdendo no vazio, quem realmente ganhou dinheiro com esse discurso foram os grandes proprietários de terras que a lotearam e venderam.

Microrregião de Guairaçá no Contexto Paranaense

Como já trabalhamos ao longo do texto, a microrregião de Guairaçá não teve um processo colonizador diferente de Paranavaí, esse fato é evidente no próprio discurso da população local, onde a história de Guairaçá se confunde com a de Paranavaí.

No processo formativo da cidade, os conflitos eram constantes, tendo notícias de disputas de terras. Embora alguns pioneiros da (re) ocupação não gostam de falar de conflitos, ou tendem camuflá-los, percebemos nas entrevistas que havia sim disputas sangrentas por terras, tal como aparece na fala do Sr. A. T. S.³ que diz:

...quando a gente foi plantar café derrubar mato de lá mesmo a gente foi pro C*** faze o campo de aviação do R***, a turma dizia que ele mandava matar mas ele não mandava eram os pião que mandava matar brigava ele não mandava não, nós fomo pro campo de viação dele tinha uns tocão de peroba que vinha pra uma serraria aqui em Paranavaí tinha uma no o*** e outra que não lembro o nome. (Entrevistador: Cláudio Ferraz, 2004).

Através da fala do Sr. A. T. S. percebemos a proliferação de boatos, referente a mortes no campo de determinada aviação, essas mortes podiam acontecer por vários motivos, talvez porque o arrendatário não queria pagar ao trabalhador seus honorários e por

isso o eliminava, ou por simples briga particular no campo de café entre o capataz e o trabalhador, e como alguns trabalhadores vinham sozinhos para essas regiões trabalhando nos cafezais não haveria quem pudesse reclamar o sumiço dos mesmos.

E Sr. A. T. S. continua relatando o que lhe sucedeu;

E nós trabalhava pro um gato chamado Zé*** ele era empreiteiro e peão não saia se tentava sair colocava a boca na carabina tinha que ficar ate terminar de plantar o café pra depois acertar com todo mundo ai nós veio A*** e eu e chefe Zé C*** pagava o mesmo preço mas o gato queria pagar menos pois a gente era moleque mas o Zé C*** pagava o mesmo porque a gente cortava como gente grande, era eu o T*** o D*** e o Zé C*** era quatro moleque a gente combinou de fugir quando desse uma chuva bem grande a gente larga o barraco porque esse gato não vai pagar pra ninguém e já matou muita gente. (Entrevistador: Cláudio Ferraz, 2004).

Na história oficial não se encontra homens armados, ou crianças sendo forçadas a trabalhar nas lavouras de café, mas como já temos visto, era comum que isso ocorresse, somente a confirmação de um “pioneiro” que o encarregado do empreendimento já havia matado muita gente e que observava o trabalho armado, era sinal de que os conflitos eram inúmeros.

Após a fuga de A. T. S. e seus amigos, foram trabalhar em outra região onde julgavam ser melhor, mas a situação ficou pior do que a anterior, agora nem mesmo o mínimo necessário para se alimentar eles tinham, e caso sentissem fome tinham que se esconder no milharal e assar ali mesmo o milho para não serem pegos pelo capataz e sofrerem as determinadas conseqüências de roubo.

Esses conflitos enfrentados pelo Sr. A. T. S. no campo, não era exclusividade da zona rural, até mesmo na cidade havia conflitos que envolviam vários setores da sociedade, prova disso é o depoimento da “pioneira” Sr. G onde a mesma diz que presenciou conflitos religiosos na cidade de Guairaçá;

... porque chegou um Padre aqui, o Padre por nome J***... e esse padre não queria saber de crente, reuniu os congregados mariano pra botar fogo na Igreja né! E vieram todo mundo, e nós tudo dentro da Igreja (...) vou falar né! Porque foi coisa que aconteceu... motivado pelo padre e dois rapazes que já gostavam da bagunça, tomaram pra fazer esse serviço... (Entrevistador: Wesley Bandeira, 2011)

Somente a fato de haver uma reunião de um líder religioso na tentativa de colocar fogo em outra Igreja, por simples disputa religiosa é prova de que a formação da cidade não foi tranqüila e ordeira como aparece na história oficial.

Atualmente a cidade de Guairaçá tem aproximadamente 6.194 habitantes, isso de acordo com o censo realizado pelo IBGE em 2010, e a economia da cidade continua limitada a zona rural, agora com a plantação de Cana-de-Açúcar para abastecimento da Usina de Alcool cituada nas proximidades da região, que emprega a maior força de trabalho da cidade.

Considerações Finais

Nossa pretensão ao longo desse trabalho foi justamente mostrar de maneira resumida o trabalho desenvolvido pelo Estado e pelas Companhias Colonizadoras na formação da microrregião de Guairaçá, que está dentro de um contexto maior, seguindo a mesma história de Paranavaí e cidades próximas.

Falamos a respeito do Papel da Brazil Raiwly Company através de sua subsidiária a Braviaco, e as conseqüências da retomada de terras pela Revolução de 30, e a tentativa de apaziguamento dos conflitos entre sertanejos na partida da Companhia.

Tentamos mostrar de maneira resumida as disputas e conflitos existentes nessa região, tecendo críticas ao conceito de “pioneirismo” e “vazio demográfico”, ressaltando sempre a estreita ligação de Guairaçá para com Paranavaí e região que era denominada como Gleba Pirapó.

Referências

MARCELO, Paulo. *História de Paranavaí* – Paranavaí, 1988.

MOTA, Lucio Tadeu. *História do Paraná: Ocupação Humana e Relações Interculturais* – Editora Eduem – Maringá-PR, 2005.

VICENTE, João Carlos. *O Paraná e seus Municípios* – Editora Memória Brasileira – Maringá-PR, 1996.

STECA, Lucinéia C & FLORES, Mariléia D.O Norte pioneiro in: *História do Paraná*. Londrina: Ed UEL, 2002.

¹ Wesley Silva Bandeira é Acadêmico do curso de História da FAFIPA-PR (Faculdade Estadual de Educação, Ciências e Letras de Paranavaí, wesleysbandeira@hotmail.com

² STECA, Lucinéia C & FLORES, Mariléia D.O Norte pioneiro in: *História do Paraná*. Londrina: Ed UEL, 2002. Pg.

138

³ O nome do entrevistado e também os locais e pessoas que faz referencia serão preservados por segurança.